

Por iniciativa do Senhor Presidente da República Portuguesa, a arquitectura do meu País regressa à República Federal Alemã, muitos anos após a grande retrospectiva que lhe foi dedicada no DAM – *Deutsches Arkitekturmuseum* (Museu de Arquitectura Alemão) – de Frankfurt, em 1997.

Esta situação não deixa de ser duplamente reveladora.

Por um lado, demonstra o crescente reconhecimento da arquitectura enquanto recurso ímpar de afirmação de Portugal no mundo, a par do amplo prestígio internacional de alguns dos seus melhores autores, em particular de Álvaro Siza.

Por outro, não esconde a realidade endémica da arquitectura portuguesa, condicionada pela contingência periférica, por uma tradição própria muito particular e pelo insuperável afastamento dos principais centros de reflexão, divulgação e produção mundiais.

Esta condição local portuguesa, outrora tão celebrada pela crítica internacional, remeteu-se ao silêncio decorrente do seu *modus operandi*, incapaz de concorrer com o espectáculo centrifugador de muita da arquitectura contemporânea.

Porém, dir-se-ia que esta sua incapacidade, ao invés de condená-la ao desaparecimento ou à dissolução global, amplia hoje a força inata do seu caminho e do seu fazer, não tanto por presumir-se regional, distinta ou resistente, mas antes por revelar-se ajustável a quaisquer condições e circunstâncias, reinventando-se em cada uma delas.

Ora, este fazer arquitectónico, se bem que em contínua renovação, assenta num modo peculiar.

Em primeiro lugar, é um fazer de paisagem, ou seja, implica uma progressiva estruturação assente em acções ou omissões críticas a partir da paisagem, inseparável do saber geográfico e topológico, sensível às lógicas, matrizes e modelos dos territórios em que opera ou sensível à sua desagregação.

Em segundo lugar, é um fazer de projecto e em projecto, tanto por ser processual e contextual nas suas procuras de síntese, quanto por ser estimulado na própria matéria arquitectónica em sentido lato, ancorado e moldado a partir dos seus conceitos e temas.

Em terceiro lugar, é um fazer de escassez enquanto fazer do possível, em que o novo não é frivolidade ou obsessão e em que a linguagem é menos pretexto e mais resultado.

Daí a pertinência desta exposição, enquanto manifestação deste modo peculiar, enquanto demonstração de capacidade de resposta a qualquer problema, enquanto evidência transformadora de um mesmo fazer arquitectónico em qualquer parte da terra, enquanto possibilidade de re-localizar esse mesmo fazer de tal modo que, apesar de reconhecível, imprime nele próprio cada realidade encontrada.

Para muitos, quando confrontados com estas obras e projectos de arquitectos portugueses fora de Portugal, tratar-se-á apenas da confirmação (ou não) da sua curiosidade ou vitalidade periférica. Para outros, porém, tratar-se-á antes de uma hipótese inspiradora de dar mundo aos mundos, ou seja, de ajuste, de insistência e de legitimação da própria Arquitectura num mundo global feito de tantos e tão diversos mundos.

João Belo Rodeia
Presidente da Ordem dos Arquitectos